

10.^o
CARTA

DO

BISPO DE COIMBRA

AO

ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR

JOSÉ ESTEVÃO DE MORAES SARMENTO

MINISTRO E SECRETARIO D'ESTADO DOS NEGOCIOS DA GUERRA



BIBLIOTECA
REGIMENTAL

COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE
1896

RC
MNCT
2
COI

12-18-1-910

CARTA

DO

BISPO DE COIMBRA

CARTA

DO

BISPO DE COIMBRA

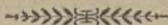
AO

ILLUSTRÍSSIMO E EXCELLENTÍSSIMO SENHOR

JOSÉ ESTEVÃO DE MORAES SARMENTO

MINISTRO E SECRETARIO D'ESTADO DOS NEGOCIOS DA GUERRA

- 420 -



RC
FINCT
2
COI

COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1896



ILL.^{MO} E EX.^{MO} SR.

Dignou-se V. Ex.^a de dizer-me cousas muito amaveis a proposito do discursosito que tive a honra de proferir na Real Academia de Historia de Madrid, e de manifestar-me desejos de ter exemplares d'elle para os distribuir pelas bibliothecas regimentaes do Exercito.

Nunca me lembrei nem me podia lembrar de que seriam tão bem recebidas nos dois paizes as minhas singelas palavras sobre a fraternidade e boas relações que entendo deverem haver entre ambos sem quebra da sua reciproca autonomia e independencia.

O Ex.^{mo} Sr. Canovas del Castillo não só as applaudiu mas recommendou que se tornassem conhecidas; e muito

confunde a minha humildade e lisongeia o meu patriotismo este applauso que, além do de tantos homens eminentes da Hespanha, dá a um Bispo portuguez o grande Estadista que tão superiormente preside ao seu governo, e que por tantos titulos e tão justificados se impõe ao respeito e admiração da Peninsula e da Europa.

E com tudo foi ainda mais longe o seu assentimento e generosidade para comigo. Além da Gran-Cruz de Izabel a Catholica, e d'outras graças e distincções, e todas immerecidas, que já tinha tido a honra de receber da Hespanha; além da fina cortezia, lhaneza e summa bondade com que S. Ex.^a se dignou de receber-me e tratar-me, e que tanto captivaram o meu coração de Bispo e de portuguez, quiz ainda fazer-me uma graça á que eu jámais podia aspirar — a de sollicitar de Sua Majestade a Rainha Regente a Gran-Cruz da nobilissima ordem de Carlos III para mim, e a commenda de Izabel a Catholica para o meu secretario, sollicitações que foram generosamente deferidas por Sua Majestade, por que, sempre Piedosa e Exemplar nas suas muitas considerações e bondades para com o illustre Episcopado Hespanhol, Digna-se de comprehender tambem n'ellas um Bispo estrangeiro que só as póde merecer pelo muito respeito e admiração que tem pela Excelsa Rainha tão insigne e preclara na virtude como na arte de reinar.

Faço violencia a mim mesmo para referir estas cou-

sas a V. Ex.^a até porque talvez não falte quem as attribúa a vangloria minha, mas, tendo a honra de escrever n'esta occasião a um Ministro d'Estado do meu paiz, e sobre assumpto que tanto prende com ellas, pareceu-me que não as devia occultar para saber como a Hespanha nos considera tambem na pessoa do mais humilde dos seus Bispos.

Foi sempre dever de delicadeza e boa educação participar os favores recebidos áquelles por motivo de quem se recebem.

Tambem é de satisfação para nós saber-se que o sr. Canovas no seu applauso á fraternidade Luso-Hispanica, explicitamente condemna essas utopias da absorção e conquista dos paizes pequenos pelos grandes, e que não pouco preoccupa ainda alguns espiritos mais timidos de Portugal embora sem razão, porque as nações grandes e especialmente a Hespanhola não ousariam, n'estes tempos de tanto progresso e de tanta sciencia sociologica e diplomatica, estrangular e calcar aos pés o direito, a civilisação, a nacionalidade e justa e legitima independencia dos povos para deitar a mão ás nações pequenas do mesmo modo que nas Costas d'Africa se deitavam as mãos outr'ora aos pretos para os tornarem escravos do seu senhor.

Além d'isso o ferro e o fogo poderiam afogar tudo em sangue, mas não poderiam nunca extinguir no coração dos bons portuguezes o amor da sua patria, a sau-

dade da sua independencia e o anhear constante pelo seu resgate.

E que lucraria a Hespanha, que não precisa de nós, tomando com as balas das suas espingardas, e com a metralha dos seus canhões, as torres e castellos de Portugal, para n'elles hastear as suas bandeiras, se em vez de subditos para as respeitarem e defenderem não teria aqui senão inimigos sem numero e sem fim, e de continuo abrazados na sede de vingança e desafronta contra ella?

Não se conquista, nem se algema e avassala impune-mente um povo como o povo portuguez.

Podem enfraquecel-o exteriormente os ocios da paz, as mollezas da civilisação, os gozos do prazer e os eston-teamentos da politica, mas não dessora nunca o sangue que é só de christãos e de filhos da cruz, e nem degenera a raça que tem, como a nossa, celebrada na historia a altivez do seu character, o valor do seu genio, os quilates do seu patriotismo e a força do seu pulso.

Todavia não é por estes motivos que a Hespanha deseja ter-nos antes em nossa casa como seus amigos do que na casa d'ella como seus inimigos. Vem de mais alto e de fonte mais pura os seus sentimentos de fraternidade e boa vizinhança para connosco; e bem haja ella que assim se eleva cada vez mais no respeito e considera-ção da Europa e na estima e bemquerença de Portugal.

Alem d'isso é tão grande o seu poderio, os seus recursos e o seu territorio no continente e além mar, e tantas e tão grandes as difficuldades em que se vê para manter a sua integridade, que o seu lançamento de vistas absorventes para o meu paiz, longe de abonar a sua politica e a nobreza do seu character, faria trocar o conceito que ella tem de nação altiva e justa, e de valente e generosa, pelo de egoista, violenta e despotica; e os seus politicos e estadistas, tão illustrados e superiores, jamais quererão manchar com similhante troca o prestigio do seu nome e a gloria da sua patria.

Mas se nada temos a temer da ambição e violencia da Hespanha contra nós, muito temos a lucrar com a nossa cordealidade de relações com ella, com a confiança e respeito com que nos tratarmos, e com o auxilio e apoio reciproco que nos dermos em nossos interesses religiosos, litterarios, commerciaes e economicos, tanto quanto não prejudiquem o nosso direito de nação livre e independente, direito que o sangue de nossos paes consagrou, que os seculos sancionaram, e que só a morte nos poderá fazer perder.

E não venham fallar-nos em federações e iberismos

com que tanto se tem sonhado, porque não serão bons portuguezes, nem descendentes do grande Affonso Henriques os que se deixarem embalar por taes phantasias, ou que procurarem importancia politica, augmentos e considerações publicas ou pessoaes com blandicias oppositas ao sentimento nacional e á independencia da patria; pois se a Hespanha não deita mãos violentas ao que não é seu, como é proprio do seu animo recto e esclarecido, tambem não recusará por certo o que á boa mente lhe quizerem dar; e das doações *inter vivos* no nosso paiz raras vezes tem deixado de haver arrependimentos não obstante as cautellas com que se fazem estes contractos.

Felizmente que hoje nas altas regiões de Portugal e até nas mais humildes são tão pronunciadas as tendencias para relações beneficas, amigaveis e cordeaes com a Hespanha, como são detestados e postos de parte todos os tratados e federações entre os dois paizes que ou proxima ou remotamente possam affectar e pôr em perigo a nossa autonomia; e muito me consola ver a linguagem de V. Ex.^a sobre este ponto, porque se por um lado dá alto testemunho do que acabo de dizer, muito ennobrece por outro a espada illustre e prestimosa, que ao seu muito talento e patriotismo junta a proficiencia e dignidade com que está representando o exercito portuguez nos conselhos da Corôa.

Ex.^{mo} Sr. Ministro da Guerra. Depois de 42 annos de vida publica, todos gastos no serviço da Egreja e do Estado como Bispo catholico, e sem nunca ter faltado á fidelidade ao Rei, ás instituições e ao meu paiz como cidadão portuguez, eu não aspiro a outra recompensa que não seja a de baixar ao tumulo em paz com a minha consciencia, e com a certeza de que ficará na minha querida patria, como tem estado sempre a religião, a fé e o civismo que fez a sua grandeza e a sua gloria, e de que jamais ella se deixará enganar e vencer ou por alguns dos seus que degeneram, ou pelos estranhos que a cobiçam; e a minha esperanza de que assim ha de ser, e que tanto me alenta e conforta, vem-me tambem muito do nosso exercito.

Podem alguns politicos ou alguns especuladores apagar em seus corações os sentimentos da honra, e da fidelidade e amor da patria, que herdaram de seus maiores, e que foram e hão de ser sempre a ufania e o distinctivo mais orgulhoso d'um portuguez; — podem rasgar desapidadamente as paginas da nossa historia, escriptas com sangue nobre nos marmores dos nossos templos, e nas ameias dos nossos castellos e fortalezas aquem e além mar; — podem finalmente querer vilipendiar e pôr até em almoeda este paiz sem se importarem com o que por elle fizeram os nossos paes, com as tradições que o ennobrecem, com as glorias que o esmaltam, e com os dons naturaes com que Deus o

abençoou — a belleza do sol que o illumina, a doçura do clima que o tempera, as producções que n'elle abundam, os fructos que o regalam, os prados que o matizam, as montanhas que o alteiam, o Tejo que o opulenta, o Douro que o ensoberba, o Mondego que o inspira e o Camões que o canta: mas não poderão nunca associar conscientemente a esta obra de vergonha e de leso-patriotismo o soldado portuguez que não leva da sua aldeia e do seu lar domestico para a fileira outros sentimentos que não sejam a crença e o temor do seu Deus, a saudade da sua familia, a bondade da sua indole, a força do seu animo, e o amor á sua terra e ao seu paiz.

Parece que me correm ainda nas faces as lagrimas que derramei ao vêr como os nossos soldados, depois de tantos soffrimentos e inclemencias para defenderem na Africa a nossa bandeira e o nosso decoro e brio nacional, desembarcavam em Lisboa, cançados, exhaustos, e não poucos prostrados pela doença, mas todos cheios de alegria e de enthusiasmo, acclamando fervorosamente a integridade da patria e a honra do exercito; e não são de animo e valor differente os que a sorte cá deixou, privando-os, bem a seu pesar, de partilharem as glorias dos que foram.

Com soldados assim, tão soffredores, tão bravos, tão patrióticos e tão crentes ninguem poderá servir-se d'elles para conspirar contra o seu Deus e contra a sua patria, senão abusando da sua ignorancia e illudindo a sua boa fé.

Muito bem faz, pois, V. Ex.^a em promover a sua instrução, e em querer pôr-lhes deante dos olhos não as palavras d'um Bispo sem saber, sem virtudes e sem auctoridade, mas as dos nossos escriptores que acima dos seus grandes talentos pozeram sempre o seu patriotismo ainda maior, e que jamais deixaram de estremecer a terra querida em que nasceram, e de pôr ao serviço da sua liberdade e independencia, do seu credito e bom nome a sua penna, o seu sangue e a sua vida; pois mais que muita instrução não poucas vezes viaja de sentimentos religiosos, moraes e patrióticos, aproveita arraigar bem no espirito e no coração dos nossos soldados a crença dos seus paes, a fidelidade do juramento ás suas bandeiras, e o santo amor da religião, da familia e da patria.

Com a força e pureza d'estes sentimentos, e com a espada unida á cruz poderam os nossos maiores fazer d'um punhado de terra uma nação que avassalou mares

e continentes, e legar aos seus vindouros uma herança de prodígios de valor e de feitos heroicos e gloriosos que são ainda hoje a honra do povo portuguez, e o grande brasão do orgulho nacional.

Gravem-se, pois, em todos os corações, e escrevam-se em todos os quartéis do nosso exercito estes exemplos do passado para que nos sirvam de guia e incitamento no presente e no futuro; e com a união outra vez da espada com a cruz, sem preconceitos de partidos e sem ambição de predomínios, procuremos restituir a este paiz as grandes virtudes civicas e christãs — a fé, a abnegação, o valor, a probidade e a honra — que foram sempre o symbolo santo da bandeira das quinas, e que são ainda hoje o remedio mais efficaz, senão o unico e indispensavel para a nossa regeneração economica, moral e politica.

Empreguemol-o com boa vontade e boa fé, e combatamos todos a doença do desanimo, da indifferença, do egoismo e da descrença que nos mata.

Seja V. Ex.^a o primeiro a entrar n'este combate como digno Ministro da Guerra e como homem de talento e de sentimentos religiosos e patrioticos; e se o humilde soldado da cruz nenhum serviço pôde prestar para este fim ao illustre soldado do imperio, acceite V. Ex.^a

ao menos a minha boa vontade, e como testemunho d'ella 1200 exemplares do discursosito de Madrid que mandei tirar em segunda edição e juntar a esta carta para satisfazer com aquelles os desejos de V. Ex.^a, e para agradecer com esta a honra e prazer que me deu com a indicação d'elles.

Digne-se V. Ex.^a de desculpar a minha liberdade e de permittir-me a honra de ser com muito respeito e veneração.

De V. Ex.^a

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. José Estevão de Moraes Sarmiento, Dignissimo Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Guerra.



Amigo e servo reverente
e muito obrigado,

Coimbra, 6
de agosto de
1896.

Manuel, Bispo Conde.





RÓ
MU
LO



1329644343

CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA

